

DISCURSOS CONJUGADOS: BAIANIDADE E AUTONOMISMO NO JORNAL A TARDE NAS DÉCADAS DE 30 A 50 DO SÉCULO XX.¹

Anselmo Ferreira Machado Carvalho²

“Bahia ora precisa, do que vou dizer aqui: de um que jure a todos e não do que jura a si”³

Resumo

O presente artigo trata de analisar como a baianidade é apresentada no jornal *A Tarde* nos anos 30, 40 e 50 do século XX e como esta identidade aproxima-se dos discursos proferidos pelo grupo autonomista, movimento surgido nos anos 30 e que fazia oposição ao centralismo político de Vargas. Pretende-se não somente, entender como este discurso ganha uma conotação política, bem como, representar um determinado sentimento de pertencimento a uma época e lugar históricos. Nossas fontes são as matérias de *A Tarde* do período analisado.

Palavras-chave: autonomismo, baianidade, política.

Abstract

This article is to analyze how the *baianidade* is presented in *A Tarde* journal in the years 30, 40 and 50 of the century XX and how this identity approximates itself of the speeches made by the autonomist group, movement emerged in the years of 30 and that made opposition to the Vargas's political centralization. It is intended not only to understand how this discourse takes on a political connotation, as well as, represent a certain feeling of belonging to historical time and place. Our sources are the subjects of *A Tarde* of the analyzed period.

Key words: autonomism, baianidade, politic.

Introdução

O jornal *A tarde*, maior veículo de comunicação impresso da Bahia dos anos 30, 40 e 50, de propriedade de Ernesto Simões Filho⁴, expressava-se em suas páginas reiteradamente sobre um

¹ Este trabalho é um desdobramento da pesquisa que versa sobre a identidade baiana no carlismo, buscando um recuo aos usos da bahianidade anteriores aos anos 1960 que nos indicam como em outras épocas a identidade foi pensada e utilizada para fins políticos.

² Graduado em História na UFBA e Mestrando em História na Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS, onde realiza pesquisa sobre o carlismo, a identidade baiana, suas representações, apropriações e seus usos políticos no período de modernização da Bahia entre 1967 e 1983; sob a orientação do professor Dr. Rinaldo Cesar Nascimento Leite. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/8986034812268577>, telefones 71 99375681, 75 34271859 e 75 99063288.

³ Um dos lemas dos autonomistas em 1950. In: BPEBA. Seção de Periódicos. *A Tarde*, Salvador, 19/09/1950.

⁴ Proprietário do jornal e um dos autonomistas históricos desde os anos 30.

sentimento de bahianidade⁵, que supostamente, teria o povo baiano. Analisando as várias notas nas quais aparecem o termo durante as décadas de 30, 40 e 50 do século XX, percebemos que estas, tinham, por trás do suposto sentimento do povo baiano, motivações políticas.

Todavia, não eram somente expressões de sentimento do povo, elas refletiam também, uma identidade política, sentimentos de pertencimento a um grupo social, sentimento de potencialidade da Bahia, às vezes de recusa à uma modernização iminente na Bahia, outras vezes, respirava ares de civilização, ou mesmo sinônimo de nascimento na Bahia, e de realizações e feitos por ela, ou até mesmo de não realizações, onde aparecia a sua negativa “desbahianização”. Veremos estas expressões ao longo do texto. Enfim, expressavam como uma dada realidade social era lida e pensada.

O historiador Rinaldo Leite nos chama a atenção de que a “baianidade” que hoje definimos, pode ter uso bastante alargado, seja pelo senso comum ou pela universidade. Ela pode ser sinônima também de uma identidade baiana, porém este sentimento reflete não uma universalidade, mas, sobretudo, representações de determinados grupos sociais⁶. Para Leite, ela pode ser:

Um conjunto de características que serviram para definir a Bahia, dentre as quais pode-se facilmente listar: a ancestralidade africana, um tipo de musicalidade, um ritmo diferenciado de tempo e vida, o temperamento alegre e festivo, a culinária, a capoeira, a figura da baiana de acarajé, dentre outros tantos elementos de caráter inequivocamente popular. Jorge Amado, Dorival Caymmi e tantos outros artistas locais que ajudaram a consolidar uma concepção de baianidade.⁷

Esta definição como outras tantas fazem parte de uma variedade de invenções da baianidade, reservadas as devidas especificidades temporais, motivações e usos pelos sujeitos sociais. Jorge Amado, por exemplo, como um dos proponentes desta baianidade, nos fala em uma identidade baiana como um estado de espírito:

...Um estado de espírito, certa concepção de vida, quase uma filosofia, *determinada forma de humanismo. Eis porque homens e mulheres nascidos em outras plagas, por vezes em distantes plagas, se reconhecem baianos. (...) E como baianos são reconhecidos, pois de logo se pode distinguir o verdadeiro do falso. Aqui entre nós: tem gente que há vinte anos tenta obter seu passaporte de baiano e jamais consegue, pois não é fácil preencher as*

⁵ Bahianidade nas décadas de 30 a 50 do século XX aparece no jornal com “h”, em outros períodos que este pesquisador investiga ela simplesmente nem aparece. Mas, mesmo assim, elenca uma série de elementos que identificam a Bahia e uma identidade baiana. Quando usarmos bahianidade, estamos nos referindo então, às notas do jornal *A Tarde*.

⁶ Utilizamos a noção de representação elaborada por Chartier, como uma operação intelectual que apreende a realidade, bem como as práticas que levam um grupo social, no nosso caso os autonomistas, a fazer reconhecer uma identidade social, ou mesmo as formas institucionalizadas e objetivadas que fazem uns representantes ou pessoas individuais marcarem de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade. CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990, p.23.

⁷ LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. A “baianidade” das elites nas primeiras décadas republicanas: identidade regional e projeto político. IN: Negro, Antonio L. e Outros (orgs.) *Tecendo Histórias: Espaço, Política e Identidade*. Salvador: EDUFBA, 2009, p.1.

condições e como diz o moço Caymmi, nosso poeta, “quem não tem balangandãs não vai ao Bonfim”.⁸

Esta concepção essencialista de baianidade de Jorge Amado se assemelha às concepções de *A Tarde* em alguns momentos, como veremos mais adiante.

No entanto, *A Tarde* apresenta a sua baianidade, vinculada ao grupo político autonomista ou Concentração Autonomista. Neste caso, o seu uso é utilizado para a afirmação de um determinado grupo político e também como negação de outros grupos ou políticos que não se enquadravam no autonomismo. Outras matérias, vale lembrar, refletem cenas do cotidiano da capital como elementos do sentimento de baianidade e que, de certa forma corroboravam a visão autonomista.

No entanto, o seu uso também escapava ao grupo autonomista. Interessante notar é a passagem do 1º maio, dia do trabalhador, em 1936, no qual a baianidade não era privilégio dos autonomistas, mas dos seguidores varguistas com um sentimento anticomunista, marcado por forte teor cristão. A matéria era propositiva e alertava ao trabalhador baiano que “evitai[sse] que vos contamine as almas a verminose das estagnações do pântano da maldade soviética”. Para os enunciadores da matéria, as conquistas do trabalhador seriam fruto do sentimento de bahianidade, reiterando inclusive que as fábricas de Salvador que geravam emprego para o trabalhador, estavam localizadas na península Itapagipana na cidade baixa, “em cujo alto o Senhor do Bonfim abre aos braços”. A Bahia, segundo o jornal, era privilegiada pela graça divina em ter uma vocação natural para o desenvolvimento do seu povo, enfatizando que esta predisposição seria nada mais do que o sentimento de baianidade presente, pois a Bahia “Deus a privilegiou para crescer, realizar e subir, se lhe deu portos como a nenhum outro estado, terras para todas as culturas, tesouros de ouro e diamante. Creai, pois, e intensificai em vós e em vossa prole o sentimento de bahianidade”⁹

O movimento autonomista e seus arranjos políticos.

Para entender o lugar deste sentimento da baianidade é necessário uma rápida incursão na conjuntura política da época. A sucessão ao governo do estado em 1950 é emblemática na referência constante à baianidade como elemento de identificação. Neste pleito, concorreram como candidatos majoritários Régis Pacheco (PSD), representando os autonomistas, contra Juracy Magalhães (UDN), interventor de Vargas no pós 1930. Nesta sucessão, ocorreu o acidente de avião com Lauro de Freitas, candidato ao governo, ocasionando sua morte.

⁸ AMADO, Jorge. *Bahia de Todos os Santos: guia das Ruas e dos Mistérios da Cidade do Salvador*. 32 ed. Rio de Janeiro, Record, 1982, p.26.

⁹ BPEBA. Seção de Periódicos. O dia santificado do trabalho. *A Tarde*, Salvador, 01/05/1936.

O episódio da morte de Lauro de Freitas construiu uma nova situação política. Antônio Balbino, líder do PSD, articulou-se rapidamente e escolheu Régis Pacheco para candidato. Juracy afirmou, em seus relatos, que o acidente aéreo que vitimou o candidato do PSD mudou o resultado das eleições, pois ainda, segundo o mesmo, estava na frente nas pesquisas e, além disso, continua, uma “mentira” contada por Balbino, além da posição de Vargas, teriam contribuído para a mudança de curso no pleito. Vejamos sua declaração sobre o referido caso:

...Então Balbino, com inacreditável maldade, espalhou a notícia de que eu mandara despejar açúcar na gasolina do avião do meu concorrente, provocando assim o acidente que o vitimara. Uma deslavada mentira, mas em vésperas de eleição calúnias desse gênero costumam ter grande poder destrutivo, considerando-se a ingenuidade de boa parte do eleitorado. (...) À última hora arranjaram outro candidato Régis Pacheco, que veio explorar aquela mentira. E até Getúlio – nessa hora pressionado por sua filha, Alzirinha, e João Neves da Fontoura, ambos meus inimigos íntimos graças a antigos ciúmes junto ao poder -, o imprevisível Getúlio, concordou em assinar mensagem de apoio ao meu adversário. Assim, Régis Pacheco, substituto de Lauro de Freitas, arregimentado pouco antes da eleição, conseguiu me vencer.¹⁰

Na Bahia da redemocratização, em 1945, pós Estado Novo, compunham-se de duas forças políticas disputando o poder local. Representadas por varguistas, o PSD (Partido Social Democrático) fundado na Bahia pelo interventor Renato Onofre Pinto Aleixo, 23º governador e 7º interventor nomeado por Vargas, partido que daria base às eleições, além de fazer articulação à candidatura do Brigadeiro Eurico Gaspar Dutra. A oposição estava reunida na Concentração Democrática Autonomista da Bahia, liderada por Otávio Mangabeira - recém chegado do exílio no exterior -, Juracy Magalhães, além dos seabristas. Este grupo reivindicava a posse do poder regional perdido a partir de 1930. Com a redemocratização, esta tradicional elite política local volta à cena para disputar às eleições da Assembléia Constituinte, e apoiar à candidatura de Eduardo Gomes à presidência da República no pleito de 1945.

Mesmo antes, com a Revolução de 1930, novas relações são estabelecidas entre o poder central e as forças administrativas e políticas nos Estados. O modelo de governo marcado por interventores nomeados por Vargas gerou grande movimento de oposição em alguns Estados. Na Bahia, foi criada a LASP – Liga de Ação e Política, movimento que apoiou a revolução constitucionalista de 1932. A LASP formou-se como um bloco partidário para concorrer as eleições à Assembléia Constituinte “com a chapa A Bahia ainda é a Bahia”¹¹. Em estudo do historiador Paulo Santos Silva¹², ele argumenta como os estudos históricos produzidos por historiadores do período estavam

¹⁰ Depoimento de Juracy Magalhães a GUEIROS, José Alberto. *O último tenente*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1996, p.28.

¹¹ SILVA, Paulo Santos. *A volta do jogo democrático. Bahia, 1945*. Salvador: Assembléia Legislativa, 1992, p.89.

¹² SILVA, Paulo Santos. *Âncoras da tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)*. Salvador, EDUFBA, 2000.

conformados com a política autonomista. Aliás, para este autor, poder político nos anos 30, 40 e 50 não estava desvinculado do conhecimento histórico.

Também podemos considerar o discurso do grupo de que “a Bahia ainda é a Bahia” como uma referência a certo tipo de baianidade como elemento de reivindicação de um espaço perdido naquele momento. Paulo Santos reporta-se ao período pós 30 como perda de poder político da Bahia, entretanto, Rinaldo Leite, em sua tese de doutorado, argumenta, diferentemente de Santos, que este processo é anterior a 1930 e reporta-se às primeiras décadas republicanas.¹³

Voltando ao autonomismo, esses movimentos que estavam voltados a defesa da manutenção dos poderes locais, da autonomia estadual contra os interventores passam a ser conhecido como autonomistas: “Foi, portanto nas disputas iniciais entre interventor e as forças políticas do estado, fiéis a antiga ordem republicana, que se originou a Concentração Autonomista da Bahia”¹⁴. Os próprios políticos da época assim se designavam de autonomistas. Paulo Santos esboçou um sentido para explicar o significado do autonomismo:

Durante o processo de implantação das interventorias, houve a nível nacional, movimentos voltados para a defesa da manutenção da autonomia estadual. De um modo geral, esses movimentos podem ser classificados guardados as devidas especificidades regionais, de autonomistas: opunham-se à intromissão direta do poder central na estrutura político-administrativa dos estados, através dos interventores.¹⁵

A concentração autonomista se organizou logo após as eleições da Assembléia Constituinte de 1933. Neste período, nas eleições para Assembléia Nacional Constituinte, a oposição elegeu apenas dois representantes: J.J. Seabra e Aloísio de Carvalho Filho, enquanto o bloco liderado por Juracy Magalhães conseguiu enviar vinte membros à Assembléia, fato que determinou o pleito Estadual nas eleições indiretas de outubro de 1934, disputada entre Otávio Mangabeira e Juracy Magalhães, este último saindo vitorioso. Os autonomistas, tanto quanto o interventor, buscaram o apoio político para as eleições da Assembléia, nas forças oligárquicas no interior, os antigos coronéis da República Velha, que não desapareceram com o Novo Regime, instalado após 1930. A Concentração Autonomista formava um “grupamento partidário”¹⁶, que atuou até 1937, quando aconteceu o golpe do Estado Novo e todos os partidos políticos foram fechados e parlamentares tiveram seus mandatos cassados.

Durante o Estado Novo, a concentração autonomista permaneceu inerte, mas não desapareceu como grupamento, encontrando na redemocratização uma nova oportunidade política. O retorno de Otávio Mangabeira do exterior fortaleceu o grupo dos autonomistas, pois seu nome foi decisivo no

¹³ LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *A Rainha Destronada: Discursos das elites sobre as grandezas e aos infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas*. Tese de doutorado em História Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005. Rinaldo nos mostra os discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios, percebendo-os como elementos de um projeto político de uma elite letrada que perdera seu espaço nos postos do estado republicano.

¹⁴ SILVA, Paulo Santos, op cit, 1992,p.91.

¹⁵ SILVA, idem, p. 88.

¹⁶ SILVA, idem, p. 91.

processo de articulação da composição política local, além de ter sido o líder histórico do grupo. Com a chegada de Mangabeira, começou-se a articulação das forças oposicionistas locais e este passou a conversar com o antigo desafeto político, Juracy Magalhães, pois, foi à figura que ocupou a cena política local desde seu governo como interventor em 1931, e os dois, Juracy e Mangabeira passavam a conduzir a formação da frente oposicionista na Bahia.

Juracy Magalhães e os que ficaram do PSD que haviam rompido com Vargas ao não apoiarem o golpe de 1937, e os autonomistas, liderados por Mangabeira, juntaram forças políticas e buscaram uma concordância entre autonomistas históricos, autonomistas novos, seabristas, a Esquerda Democrática - corrente filosófica socialista liderada por João Mangabeira - para reintegração da posse do poder local. Este grupo uniu-se em apoio à candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à presidência da República.

Da articulação das forças oposicionistas e dos articuladores da UDN surgia então, a Concentração Autonomista Democrática da Bahia em 1945, e também, fundou-se a UDN com o “lema regionalista de ‘reintegrar a Bahia a posse de si mesma’”.¹⁷ Outro lema que nos reporta a uma identidade baiana, como se a Bahia houvesse sido confiscada dos baianos pelo poder central. A UDN baiana estava longe de formar uma unidade, devido a antigas discordâncias entre as ideologias políticas que a compunham, mangaberistas, juracistas, seabristas, com antigas “mágoas não diluídas”¹⁸ e que naquele momento vieram à tona, recebendo críticas inclusive nos periódicos locais: “A *Tarde* não poupava crítica a Juracy Magalhães, lembrando suas simpatias pelo integralismo, ao tempo em que o acusava de possuir ‘convicções democráticas de última hora’”¹⁹.

Para fazer frente às oposições, foi fundado nos estados em 1945, o PSD, tendo como representantes de Getúlio Vargas seus interventores. Na Bahia, Pinto Aleixo foi seu principal articulador, fundando o PSD baiano e agregando força e apoio à candidatura do General Dutra à presidência. Pinto Aleixo buscou apoio nos interiores da Bahia, junto aos poderes locais, prefeitos nomeados que se encontravam na dependência direta dos interventores e que, portanto, deviam servir aos propósitos da campanha do PSD.

O apoio dos poderes do interior era fundamental para a campanha da UDN tanto quanto era para o PSD, pois estava no interior a maioria dos eleitores e estes decidiriam as eleições. Todavia, muitos prefeitos comprometidos que estavam com o poder estadual, prontamente aderiram à campanha pessedista, mesmo com o forte apelo da oposição em obter para Bahia e para a sua elite política a posse do poder local perdido.

¹⁷ SILVA, idem, p. 97

¹⁸ SILVA, idem, p. 93

¹⁹ SILVA, idem, p. 93.

No plano nacional, o candidato da situação, Eurico Gaspar Dutra, venceu as eleições presidenciais de 1946. Otávio Mangabeira elegeu-se deputado e foi o principal articulador da UDN na composição do novo governo, negociando a participação do partido em pastas do governo. Na Bahia, começavam as articulações para a disputa eleitoral ao governo. Havia um consenso e um forte apelo em torno do nome de Otávio Mangabeira, que estava estampado nas páginas de periódicos locais, como *A Tarde*, em matérias jornalísticas que tratavam do apoio da comunidade política do Estado, inclusive setores que em outros tempos lhe fizeram oposição, assim como destacava o apoio da intelectualidade, a exemplo dos estudantes de Direito: “Numerosa comissão de estudantes de Direito esteve, esta manhã, na redação d’ “A Tarde”, para solicitar a divulgação, em nossas colunas, do manifesto em que exaram o seu apoio consciente e refletido à candidatura do Sr. Otávio Mangabeira ao governo do Estado.”²⁰

Mangabeira elegeu-se governador pela coligação UDN-PSD, com o apoio do PR – Partido Republicano, PRP- Partido Republicano Popular e PCB – Partido Comunista do Brasil. O PCB buscava no apoio aos governos, que os mesmos defendessem a legalidade do partido, por essa razão, Luís Carlos Prestes esteve na Bahia em comício de apoio a Mangabeira, mas não conseguiu do mesmo, comprometimento com a campanha do PCB. Para as eleições da Assembléia Legislativa, foram eleitos 60 deputados, sendo 27 da UDN, 20 do PSD, 7 do PTB, 3 do PR, 2 do PCB e 1 do PRP, ou seja boa parte integrantes da Concentração Autonomista.²¹

Otávio Mangabeira governou de 1947 a 1950, ano em que a segunda eleição pós Estado Novo elegeu o novo governador, Régis Pacheco, substituto do candidato falecido Lauro de Freitas.

Neste momento os discursos em nome da Bahia e dos baianos afloraram com mais nitidez.

Os discursos conjugados: a baianidade e o autonomismo

Esclarecido todo o processo de formação da concentração autonomista e do quadro político que lhe deu vida, vamos aos discursos de *A Tarde* que conformavam uma baianidade atrelada aos interesses dos autonomistas. Começamos pela identificação do jornal ao autonomismo em editorial de maio 1950. O texto afirmava que o autonomismo não excluía os não baianos, pelo contrário, grandes nomes que aqui passaram se identificaram com a Bahia, “a mais brasileira das terras do Brasil”²². Para o jornal, o autonomismo teria este espírito, “um movimento de amor à Bahia, de defesa da Bahia, de zelo por algumas cousas nobres, generosas, elevadas e que nos foram dadas por quatro

²⁰ BPEBA. Seção de Periódicos. *A Tarde*, Salvador, 03 de outubro de 1946, p. 2.

²¹ TAVARES, Luiz Henrique Dias. *História da Bahia*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBa, 2001, p.465.

²² BPEBA. Seção de Periódicos. Que é autonomismo, *A Tarde*, Salvador, 11 de maio de 1950, p. 1.

séculos de civilização”²³. A baianidade aparece como sinônimo de afetividade à Bahia e reporta-se à grandeza do seu legado histórico e cultural, que deu origem inclusive à nação brasileira.

Nomes como Antônio Vieira, português de nascimento, o maranhense Nina Rodrigues; Arthur Ramos, o alagoano; o cuiabense Aristides Novis; que segundo o jornal, mesmo não nascidos aqui, tiveram uma “vida[que os] identificou[vam] profunda e realmente com a Bahia, aqueles a quem a cultura - cultura no seu sentido mais amplo -, verdadeiramente, tornou bahianos”²⁴. Observa-se a aproximação com o “estado de espírito” amadiado, como elemento de uma identidade baiana.

Nota-se também neste mesmo editorial, meses antes da eleição de 1950, que o jornal considerava a baianidade como sinônimo do autonomismo, então, votar na chapa autonomista era votar pela Bahia. Os adversários da chapa autonomista de Régis Pacheco, no caso Juraci Magalhães, numa mensagem subliminar, não eram portadores da baianidade, como argumenta em outro trecho:

contra esses é que o autonomismo se levanta, como uma bandeira da bahianidade. Uma bandeira que não almeja criar distinções entre os brasileiros, nem pretende excluir os filhos de outros estados que vivem e trabalham, concorrendo para a grandeza e o progresso da Bahia²⁵

Sobre a campanha, uma apelação constante ao discurso da baianidade: “foi um espetáculo digno dos sentimentos de bahianidade do nosso povo, que cada dia mais, se aproxima pela causa de sua terra”²⁶. Noutra demonstração mais explícita de apoio aos autonomistas, eram veiculados convites para a campanha, uma espécie de chamamento do povo a encontrar-se com o seu espírito de baianidade:

O comitê popular da coligação democrática convoca mais uma vez, o povo bahiano aos comícios que realizará amanhã dia 20 as 20 horas no largo de Roma, e sexta feira dia 22, no mesmo horário na Fazenda Garcia, para através da voz dos seus oradores, sentir os anseios e as aspirações da Bahia, ainda estarrecida e acabrunhada pelo brutal e inesperado desaparecimento de seu malogrado filho o Dr. Lauro de Freitas. Mas o grande claro aberto em suas fileiras já está preenchido por outro grande Bahiano não menos ilustre, o Dr. Luiz Regis Pacheco, que ao lado de todos os seus conterrâneos, lutará pelo espírito de bahianidade que nos há de levar a vitória.²⁷

Nesta mesma edição, outros dois incentivos aos eleitores votarem no sentimento de bahianidade, “bahianos, vocês encontrarão sua chapa na página 5. Basta cortá-la e levá-la à urna, a 3 de outubro” e, “comício na Cruz da Redenção, no qual falarão vários oradores sobre o sentido de bahianidade da candidatura Regis Pacheco”²⁸.

²³ BPEBA. Seção de Periódicos. Que é autonomismo, *A Tarde*, Salvador, 11 de maio de 1950.

²⁴ BPEBA. Seção de Periódicos. Que é autonomismo, *A Tarde*, Salvador, 11 de maio de 1950.

²⁵ BPEBA. Seção de Periódicos. Que é autonomismo, *A Tarde*, Salvador, 11 de maio de 1950.

²⁶ BPEBA. Seção de Periódicos. Aclamado candidato bahiano, *A Tarde*, Salvador, 05/09/1950.

²⁷ BPEBA. Seção de Periódicos. Ao povo, *A Tarde*, Salvador, 19/09/1950, p. 1.

²⁸ BPEBA. Seção de Periódicos. Ao povo, *A Tarde*, Salvador, 19/09/1950, p. 1.

A baianidade servia também, para desqualificar quem não nascesse na Bahia, sobretudo em campanhas eleitorais “verdadeiros, eram os legítimos bahianos, portadores do exercício da baianidade”. A *Tarde*, argumentava assim, para desqualificar o seu opositor, Juracy Magalhães, ironizando-o em matéria intitulada: “O maior bahiano vivo nasceu no Ceará?”²⁹ Contraditoriamente, nomes ilustres citados anteriormente eram dignos de ser “bahianos”, mas, quando tratava-se de disputa política, ser baiano era condição primordial.

Em outro momento, no Governo Antônio Balbino (1955-1959), autonomista histórico, mas amigo e aliado de Vargas nos anos 50, o jornal *A Tarde* não poupava críticas ao seu governo e o caracterizava como traidor da baianidade, dando-lhe a alcunha de portador da “desbahianização” da nossa terra, quando nomeava gente “ruim” para ocupar os cargos do governo, se referindo à nomeação do novo comandante da Polícia militar. O jornal também acusava Balbino de não ter a bahianidade que o ex-governador Otávio Mangabeira tinha na defesa dos interesses dos baianos. Para o jornal o sentimento de baianidade expressava algo maior, a nacionalidade brasileira e; a desbahianização refletiria o não “preservar o admirável patrimônio da bahianidade que tem sido, através da formação moral e política do Brasil, uma das substancias mais vivas da nacionalidade”³⁰

Esta justificativa omitia interesses políticos ligados ao Jornal, que apoiou Pedro Calmon nas eleições de 1955 contra Balbino. Rômulo Almeida, Secretário da Fazenda no governo Balbino, nos revela uma outra versão para esta oposição, argumentando que: “*A Tarde*, era umbilicalmente ligada à candidatura de Pedro Calmom. O seu irmão era o redator chefe; além disto, Simões Filho também, apesar de ser do mesmo partido, era muito afastado de Balbino”³¹

Como vimos, os usos da baianidade foram diversos e expressavam os mais diferentes significados, sobretudo, as motivações políticas autonomistas em *A Tarde* na defesa de seus interesses. No entanto, esse discurso da “baianidade” também refletia, a partir de seu enunciador, o jornal *A Tarde*, um modo de vida que representava os baianos e uma Bahia tradicional contrária aos símbolos modernos. Das muitas matérias, escolhi esta para expressar o temor que a violência urbana e a perda da baianidade implicava para os baianos. Nesta nota, a baianidade era sinônimo de educação e de civilização:

Todos os dias, lembremo-nos como um grito de alerta, o que foi para nós esta semana horrorosa, dramática, sem comentários. Poucas vezes, uma tragédia, abala tanto o sentimento de bahianidade como essa. Somos um grande coração, é um dos nossos méritos. Sabemos sentir, juntos, as nossas dores e as nossas alegrias. Não nos perdemos como em certas cidades grandes e cosmopolitas, com o registro de estatísticas de desastres todos os dias, para afirmar que somos uma metrópole civilizada³²

²⁹ BPEBA. Seção de Periódicos. *A Tarde*, Salvador, 25/09/1950.

³⁰ BPEBA. Seção de Periódicos. *A Tarde*, Salvador, 04/07/1955,p.2.

³¹ ALMEIDA, Rômulo de. *Rômulo: voltado para o futuro*. Fortaleza: BNB, 1986, p.101. (Entrevistas concedidas a grupos de trabalho da ASEB).

³² BPEBA. Seção de Periódicos. Da rua Chile, *A Tarde*, Salvador, 10/01/1952.

O sentimento de baianidade era visto como a singularidade da cidade de Salvador, haja vista que o cosmopolitismo e os novos problemas urbanos, como a violência, não era sinônimo de civilização e não haviam de chegar aqui, pois, na Bahia, existia um sentimento capaz de superar os traumas sociais. Portanto, a visão era a de preservar este sentimento autêntico dos baianos e dos que, mesmo não nascidos aqui, compartilhavam de uma baianidade construída por setores da elite baiana detentora dos meios de comunicação.

Considerações finais

A baianidade que tanto falamos hoje em dia, se apresentou de forma que serviu para representar uma sociedade e os interesses de um grupo político específico- os autonomistas. Dessa forma, nossa proposta serve para incitar novos problemas aos vários pesquisadores que queiram se debruçar sobre este tema, o das identidades baianas, avenida já bem pavimentada é verdade, permitindo assim, verificar uma série de pluralidades sobre seu uso e o que ele motiva ou motivou.

Sendo assim, nos propusemos a analisar o discurso da baianidade como um conceito, passível de ser historicizado, ou seja, produzido e articulado a um certo contexto, atuando e tornando-o compreensível, como nos aponta as reflexões de Koselleck³³. Ainda, sobre este autor, o mesmo nos incita a uma reflexão de que “a palavra [baianidade] pode permanecer a mesma (a tradução do conceito), no entanto o conteúdo por ela designado altera-se substancialmente”³⁴.

Além de ter várias acepções, cada época elaborou ou reelaborou uma construção da identidade baiana, o que nos permite perceber os silêncios. Nos anos 50, uma literatura já se reportava a uma baianidade mestiça, negra e sensual, portanto, ancorada em valores populares. Jorge Amado representava isto³⁵. No entanto, um dos setores da elite intelectual e política baiana, representada no Autonomismo e tendo como principal veículo transmissor de sua visão de mundo, o jornal *A Tarde*, não falava em nome desta outra Bahia e destes outros baianos representados por Amado.

A baianidade refletiu, como vimos, outros significados e atendeu a interesses políticos. Para finalizar, a discussão proposta neste artigo servirá para entender como a Bahia e os baianos foram apresentados em um outro contexto, os anos 60,70 e 80 do século XX, quando a Bahia esteve sob a liderança de Antônio Carlos Magalhães.

³³ KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 134-146

³⁴ KOSELLECK, id. *ibid.*, p.138.

³⁵ Ver por exemplo as representações de Bahia em: AMADO, Jorge. *Bahia de Todos os Santos: guia das Ruas e dos Mistérios da Cidade do Salvador*. 32 ed. Rio de Janeiro, Record, 1982. A primeira edição data de 1945.